

TEORIA BARROCA DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: EMANUELE TESAURO E O ESPELHO TURVO DAS TENSÕES ENTRE EPISTEMOLOGIA, METODOLOGIA E SOCIEDADE

TEORÍA BARROCA DE LA ORGANIZACIÓN DEL CONOCIMIENTO: EMANUELE TESAURO Y EL ESPEJO TURBIO DE LAS TENSIONES ENTRE EPISTEMOLOGÍA, METODOLOGÍA Y SOCIEDADE

Gustavo Silva Saldanha *
Rosali Fernandez de Souza **

RESUMO

Introdução: A proposta do estudo é discutir os pressupostos epistemológico-históricos da Organização do Conhecimento, compreendida aqui como um coletivo de ações intersubjetivas dedicadas à representação e à apropriação de saberes no plano da linguagem, a partir do pensamento e da obra de Emanuele Tesauro. O horizonte do trabalho é a identificação de elementos que colocam em discussão as dimensões e tensões entre epistemologia, metodologia e sociedade, a partir de uma teoria barroca da organização e representação dos saberes. **Objetivos:** O objetivo geral está em um plano teórico direcionado à compreensão das fronteiras que problematizam as relações entre as dinâmicas epistemológicas, aplicadas e sociopolíticas, que reencontram a teorização de Emanuele Tesauro tecida no século XVII. **Metodologia:** Trata-se de uma reflexão teórica, baseada em um estudo epistemológico-histórico, que procura reconhecer, discutir e relacionar as ideias presentes na teorização de Emanuele Tesauro no século XVII com a os desafios contemporâneos da Organização do Conhecimento. **Resultados:** A abordagem barroca de Tesauro, demarcada em seu espaço-tempo, e interpretada sob os dilemas contemporâneos da Organização do Conhecimento, demonstra sua atualidade para a reflexão sobre os regimes, as políticas e a economia política das práticas de representação do conhecimento. A abertura pragmática e semiótica do pensamento de Tesauro se apresenta, pois, como ferramenta teórica central para as discussões contemporâneas na epistemologia da

* Doutor em Ciência da Informação pelo PPGCI IBICT UFRJ; Pesquisador Adjunto do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); Professor Adjunto da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – E-mail: gustavosaldanha@ibict.br.

** Doutora em Ciência da Informação pela Polytechnic of North London / Council for N. Academic Awards, Grã-Bretanha. Pesquisadora Titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). E-mail: rosali@ibict.br.

Organização do Conhecimento, principalmente nos planos social e cultural.
Conclusões: O estudo demonstra, a partir de Emanuele Tesouro, sob a influência aristotélica, uma base sólida, no plano teórico e no plano aplicado, de construção de uma argumentação sobre o simbólico para a Organização do Conhecimento.

Palavras-chave: Emanuele Tesouro. Epistemologia da Organização do Conhecimento. Teoria Barroca. Epistemologia histórica. Filosofia da linguagem.

1 INTRODUÇÃO

A proposta desta reflexão é retomar alguns pressupostos epistemológico-históricos da Organização do Conhecimento (OC), compreendida aqui como um coletivo de ações intersubjetivas dedicadas à representação e à apropriação de saberes no plano da linguagem. O horizonte do trabalho é a identificação de elementos que colocam em discussão as dimensões e tensões entre epistemologia, metodologia e sociedade. O foco central está em um plano teórico direcionado à compreensão das fronteiras que problematizam as relações entre as dinâmicas epistemológicas, (meta)metodológicas e sociopolíticas, identificadas como parte das grandes linhas de reflexão da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO), relações estas que reencontram a teorização de Emanuele Tesouro tecida no século XVII, principalmente na linha de argumentação com o que trataremos aqui como uma abordagem do espelho turvo, sustentada por uma teoria barroca da linguagem.

Da luta pela formalização das ciências modernas, repertoriada nos sistemas bibliográficos de Peignot (SALDANHA, SILVA, 2017), à luta pela sua classificação no contexto contemporâneo como visto em Souza (2006, 2012), podemos identificar um elemento em comum: o que em latim reconhecemos como *turbidus*, ou a qualidade daquilo que não é transparente, daquilo que é opaco, confuso, agitado, uma das formas de significar a noção de barroco. Assim é a vida social das classificações em sua intimidade: o jogo de tensões daquilo que se posiciona no “entre”, e não na pretensa exatidão entre o significante e o significado. O esquema, a estrutura, a hierarquia e os nós da

rede que aparentemente sustentam uma classificação são frágeis contornos de uma tormenta cognitiva e social.

O conjunto de abordagens pragmáticas de reflexão sobre a linguagem que hoje pode ser encontrado na OC (SALDANHA, 2016, 2014, 2016) demonstra essa característica da vida íntima das classificações e sua luta por uma positividade, por uma negação da entropia dos significados como condição de sua própria sobrevivência. Quando a lente dos dilemas sociais se coloca sobre o plano da construção e do impacto das classificações na vida dos sujeitos, desde suas mais formais demarcações - como o caso do nome próprio e seus usos (SALDANHA, SILVEIRA, 2016) – à concretude da dignidade humana (como a representação da relação entre oprimidos e opressores em um dado instrumento documentário), a noção de obscuridade, do fundamento *turbidus* da racionalidade classificatória, retorna ao seu “nascimento barroco”, à sombra tensa das fronteiras entre os significados.

Como demonstra Souza (2007), o estudo das classificações do conhecimento aponta para uma série de padrões epistemológicos na relação entre as ciências. Porém, variações terminológicas nas ciências humanas e sociais, bem como os artifícios de determinação da representação no contexto da interdisciplinaridade, demonstram a dificuldade de compreensão da dinâmica das classificações.

O resultado das reflexões epistemológicas sobre as características cotidianas e a paisagem turva das ações reflexivas e aplicadas da OC nos leva ao coração do século XVII, ao barroco, mais especificamente ao pensamento de Emanuele Tesouro. Trata-se de perceber, no espelho turvo e “exagerado” do mundo, uma teoria barroca para a OC, fundada a partir das visões tesaurianas. Assim, quando adentramos, pois, o jogo entre epistemologia, aplicação e fenômenos sociopolíticos, acreditamos estar diante da construção teórica, de origem barroca e influência aristotélica, de Tesouro (1670). Em grande medida, estamos diante da própria teorização de fundamentação primária de uma teoria para organização o conhecimento, entre a intersubjetividade e a materialidade da linguagem.

2 OLHARES METAMETODOLÓGICOS: OS DILEMAS DO ESPELHO TURVO

A pergunta “o que é a organização do conhecimento?” pode ser considerada, desde a sua origem, como autorreflexiva. Ela se interroga, primeiramente, pela sua própria condição epistêmica, ou seja, o questionamento já está dado na própria preocupação em “classificar” algo que desejamos tratar como “organização do conhecimento”. Trata-se de um jogo de espelharias, onde, a todo momento, a construção do pensamento em OC encontra todos os dilemas que sua própria teoria procura solucionar nos mais diferentes domínios de interesse e de aplicação de seus construtos, como Química, Biologia, Física, Sociologia etc.

Mesmo no cenário de mais intensa “positivação”, ou seja, o âmbito epistemológico, reconhecemos a dinâmica dessa condição. Como lembra Souza (2007), todas as classificações são representações da organização social do conhecimento a partir de diferentes comunidades de uso. Dessa maneira, pesquisadores no contexto da ciência e da tecnologia não estão em uma fronteira neutra de autoclassificação. Ao contrário, estão em constante dinâmica de posicionamento – no *front turbidus* - que distingue seu olhar classificatório daquele oriundo dos administradores das organizações científicas (de avaliação e de fomento). No mesmo contexto conflituoso, estão os profissionais dedicados à classificação. É o exemplo de teóricos e bibliotecários como Lancaster (2004), que em diferentes momentos de sua trajetória “aplicada” e “epistêmica” se viu diante dos dilemas da nebulosidade dos atos classificatórios (seu jogo de renomeações propenso às mais dinâmicas e intensas lutas políticas).

Nesse sentido, segundo Souza (2007), encontramos “duas premissas fundamentais” fundadas na prática de produção de classificações: a) os mesmos objetos e ideias podem ser organizados e representados de formas diferentes; b) toda classificação está relacionada a um propósito definido de construção e de uso da informação. Essas premissas são demarcatórias para a construção de tabelas, esquemas e estruturas sistemáticas de classificação,

sempre instituídas em ambientes de elevada complexidade. Logo, podemos compreender uma dinâmica permanente do espelhamento turvo do sujeito diante do fazer da organização do conhecimento: a todo momento a dinâmica de contextos pode transformar, tornar confusa, ou, fundamentalmente, revelar a nebulosidade que está por trás de uma estrutura classificatória, suas lutas e seus dilemas éticos. E, fundamentalmente, essas premissas se encontram já em uma teoria barroca da OC, o que demarca a constante epistemológico-histórica de sua construção.

Podemos compreender, pois, que existe um plano metametodológico que define a própria teorização da OC como uma experiência histórica e epistemológica que a consolida enquanto um espaço discursivo distinto. Mas seria esse *locus* um campo, um domínio, uma área? Temos aqui um exemplo típico dessa “abordagem do espelho turvo” como uma característica fundacional de uma epistemologia para algo que hoje tratamos como “organização do conhecimento”. Diferentes pesquisas comprovam essa dificuldade na relação do “olhar para fora” que, no fundo, é um “criticar a si”, ou seja, classificar o outro é a comprovação da dificuldade de classificar a si próprio.

Diante dessas questões, o processo de reflexão que resulta nesse trabalho aponta para três planos metodológicos que abarcam os contextos de experimentação da pesquisa bibliográfica, da análise de estudos empíricos a partir de coletivos (grupos de pesquisa e eventos científicos) e da aplicação de experimentos em disciplinas (na prática pedagógica propriamente dita, ou seja, planejamento, execução e avaliação de disciplinas de pós-graduação). Os planos conduziram-nos às categorias discursivas antevistas, a saber:

- Categoria epistemológica: encontramos aqui as diversas tentativas (gerais ou especializadas) de fundamentação de teorias e de métodos para o desenvolvimento de uma “organização do conhecimento”, na procura pela afirmação de que, ao enunciar tal expressão, estamos a tratar de algo que se quer “científico” (o que negaria, pois, a própria fundamentação de uma teoria barroca como uma margem primária de construção da OC, ou seja, essa seria, exatamente, a negação de sua cientificidade);
- Categoria metodológica: aqui podemos identificar o agregado de formações instrumentais (não menos candidatas ao discurso da

cientificidade) que procuram demonstrar (vide o conjunto retrospectivo de manuais e de métodos e técnicas para aplicação de uma dada proposta ou ferramenta) os modos de feitura, de apropriação e de desenvolvimento de um dado mecanismo (não necessariamente material, ou seja, estamos tratando também, claramente, de construtos mentais oriundos, por exemplo, da gramática, da lógica e da retórica, ou seja, aplicação das teorias da linguagem nas teorias de organização do conhecimento manifestadas por ela, a própria linguagem); essa categoria, do mesmo modo, procura seguir um horizonte que se afasta (aparentemente) de um pensamento barroco, mesmo sabendo que ele é, a todo momento, a marca central de sua luta, o *locus* onde, inegavelmente, sua argumentação estará sempre em luta, a fronteira turbida, a sombra estranha e provocativa dos termos e dos significados em mutação;

- Categoria social: por essa lente podemos reunir o grupo de questionamentos e de denúncias sobre a função histórica de uma organização do conhecimento para seu contexto social (e estaria aqui a unidade central de uma teoria barroca transposta através dos decursos histórico “pós-barroco”: a abertura para a permanente compreensão dos significados em trânsito que podem revelar e, mais do que isso, inventar as diferenças). A grande questão se coloca aqui: em que medida as teorias propriamente ditas e os métodos da OC problematizam o real em seu estatuto de formação culturalmente tecida, ou seja, qual a capacidade de refletir sobre a condição social e qual a propensão de lutar pelas mudanças (de seus construtos e daqueles imersos na complexidade do mundo social)?

Essas categorias nos servem como ferramenta discursiva para compreender o dilema de desenvolvimento de uma teorização sobre a OC que a coloca sempre “contra o espelho turvo”. Trata-se de perceber a constante de uma “teoria do espelho”, da autoenunciação explícita que o discurso da OC evoca. Podemos perceber essa linha centrípeta de autoindagação como marca de uma epistemologia da OC em toda a obra de Dahlberg, principalmente em trabalhos recentes, como *Knowledge Organization: a new Science?*, onde a questão epistemológica se coloca como uma dúvida central. Do mesmo modo, o mergulho interpretativo da construção de uma OC a partir de Hjørland (2000) aproxima-se da mesma fronteira de tensões repletas de espelhos nebulosos. Provavelmente, porém, a trajetória de Lancaster na segunda metade do século XX, quando a teorização sobre a OC avança de maneira acelerada, quanti e qualitativamente, representa a mais evidente afirmação de tal teorização.

Através de Lancaster (2004) e seus estudos sobre o desenvolvimento da indexação para a recuperação da informação podemos perceber a plena zona

de tensão dos processos de teorização e de desenvolvimento de uma metametodologia da e para a OC. Considerado uns dos cânones do “domínio, campo, ciência” em questão, seja pela profundidade e exaustividade do trabalho, seja pela sua capacidade de revisar e de sistematizar as ações desse coletivo de teorias e de métodos, seja, ainda, pela sua circulação em diferentes cenários, incluindo a pesquisa no Brasil, F. W. Lancaster não foi apenas um dos nomes mais importantes da OC, como representou, para o pensamento brasileiro, uma espécie de fundador da pesquisa científica no país em Biblioteconomia & Ciência da Informação (Lancaster foi quem mais formou mestres na primeira etapa da experiência da pós-graduação no campo informacional no país). O teórico nos apresenta em sua premiada obra “Indexação e Resumos”, uma crítica que nos coloca diante do espelho turvo (e no cerne da própria luta epistemológica interna da OC): o número de formas de classificarmos a classificação, ou seja, a dificuldade que a própria OC, dedicada à organizar, pois, o conhecimento, tem de se organizar.

Esse fenômeno, antes de uma aporia, de um derradeiro limite para as pretensões de cientificidade da OC, seja no contexto da argumentação na Ciência da Informação, seja a partir de uma autonomia no sentido dahlbergiano, representa exatamente a própria trajetória reflexiva desse saber. O problema não está, pois, no fenômeno, mas nos modos de reconhecê-lo (e, conseqüentemente, de não deixar de afirmá-lo). Como indica Souza (2007), o desenvolvimento de métodos e técnicas de classificação está intimamente ligado a expressões hiperbólicas (tipicamente barrocas, no sentido filosófico e no sentido artístico), como caos documentário, explosão bibliográfica, avalanche de conhecimento. É nesse cenário *turbidus* que não apenas se estabelece, como se institucionaliza a OC, e não fora dele. A dificuldade de “classificar a classificação” fundamenta a histórica experiência metametodológica da OC e seu diálogo com os fundamentos de uma teoria barroca, que “se manifesta” de maneira clara quando colocamos frente a frente as categorias epistemológica, metodológica e social em diálogo.

3 UMA TEORIA BARROCA: EMANUELE TESAURO E A NEBULOSIDADE DAS CLASSIFICAÇÕES

O Barroco, enquanto estilo artístico, representa uma profusão de elementos que contrasta com as escolas da pintura e da escultura anteriores, inserindo, principalmente, a linha curva e o foco nas expressões do sentimento humano em sua máxima condição. Em um sentido etimológico, diz-se, em geral, que o substantivo “barroco” responde por uma pérola de formato anômalo, ou irregular, ou fora do comum, ou, ainda, singular.

Como aponta Carpeaux (1990), o estilo barroco foi reconhecido durante muito tempo como um padrão da decadência da arte. O teórico reconhece o Barroco como um sistema de civilização, de substância latina. Reúnem-se aqui elementos como o maravilhoso, o colossal, o prodigioso. Do Renascimento ao estilo barroco, encontra-se a passagem da forma fechada para a forma aberta, e do estilo plano para o estilo profundo. A ideia, representada, por exemplo, pela noção italiana de *barrocco*, isto é, “acumulação”, nos ajuda a compreender as relações entre a linguagem, a organização dos fatos linguísticos e suas ocorrências artefactuais.

Encontra-se em uma teoria do pensamento barroco a marca da alegoria, como característica central. Forma de institucionalização do imaginário, ela representa, segundo Carpeaux (1990), uma transcrição do mundo no nível mais elevado, a saber, o simbólico. Assim, o mundo barroco é perturbado e perturbador.

A alegoria quer abrir-nos os olhos: procura o verdadeiro lugar das verdadeiras entidades no mundo, os pontos de apoio ocultos da salvação neste mundo da morte. Para encontrá-los, é preciso destruir a fachada do mundo, é preciso provar que toda esta pompa é apenas sonho e ilusão. (CARPEAUX, 1990, p. 20).

A cumulatividade das linguagens e das coisas e a capacidade de significar dessas instâncias como marcas do Barroco inspiram diretamente o pensamento de Emanuele Tesouro. A figura da alegoria no diálogo com as Categorias e a Retórica aristotélicas terá lugar central em sua tentativa de, no

plano da linguagem, abrir as possibilidades de uma visão formal e precisa do mundo e compreender as dinâmicas variáveis de construção/ ou na construção do sentido. Transposta ao longo do decurso de luta por uma posituação do real representado, ou, ainda, da invenção do real através da representação, encontramos essa manifestação na construção de uma teorização e de uma metodologia para as práticas de organização e de representação do mundo das palavras e das coisas nos últimos 400 anos.

Todo esse processo se constitui, assim, como parte do cotidiano das futuras tentativas de construção teórico-(meta)metodológica da OC: recorrer à Aristóteles, projetar os exercícios de categorização, representar coisas, processos e palavras, eliminar a nebulosidade das sobreposições semânticas da vivência do mundo social e de suas disputas simbólicas (usando, ironicamente, seus mesmos processos de hierarquização, de isolamento, de agrupamentos arbitrários), eis construtos comuns no contexto pós-Tesouro. Uma teoria barroca se coloca, pois, na centralidade do pensamento em OC, diante do espelho turvo da realidade sociopolítica.

Enunciar o espelho turvo não representa aqui negligenciar outras abordagens (como aquelas comunicacionais, psicológicas, por exemplo, que tratam do conceito e as apropriações simbólico-científicas do espelho). O foco está, no entanto, em problematizar uma relação entre uma filosofia barroca (algo que se estabelece aquém da epistemologia) do que se diz “organização do conhecimento” e uma compreensão do que se consolidou (aqui sim) como uma “epistemologia da organização do conhecimento”, pelo viés de Emanuele Tesouro. Em outros termos, trata-se de reconhecer criticamente um conjunto de saberes e de práticas reunidos a partir de um acordo provisório de atores sociais em um dado tempo social, junto de suas instituições e de seus conceitos.

Podemos, em nossa visão, encontrar essa anterioridade filosófica na filosofia da linguagem, em seus diferentes aportes. Entre Platão e Aristóteles, o problema do intervalo entre a linguagem e o exercício do filosofar se coloca, em nossa visão, como a centralidade para reconhecer uma teoria do espelho para a OC. Pauta-se ali, na Antiguidade Clássica, a “dúvida” se podemos ou

não pensar o conhecimento sem pressupor a reflexão sobre a linguagem. Não é coincidente a marca do pensamento aristotélico nas teorizações da OC ao longo de sua teorização, seja na fundamentação das grandes propostas classificatórias do século XIX (que se reportam ao “diálogo-contraponto” entre Bacon e Aristóteles em seu *Novo Organon*), seja nas abordagens mais recentes, recuperando as teorizações das Categorias aristotélicas e do papel ontológico, passando pelas adoções do silogismo nos processos do mecanismo orientado para as linguagens documentárias em contextos em rede.

Podemos reconhecer, generalizando toda a teorização, que essa “espelharia” representa o próprio modo de conhecer, em toda e qualquer instância. Trata-se da pergunta clássica “o que é” de fundo socrático. No entanto, cabe-nos aqui, objetivamente, olhar para o que se coloca quando compreendemos uma teleologia da OC, ou seja, sua finalidade enquanto um conjunto de saberes (meta)metodológicos (domínio, ciência ou campo). Estruturalmente, um modo de classificar o mundo pressupõe a pergunta pela ordenação em si, como anteriormente indicado.

Para um dos ramos da filosofia da linguagem, o conjunto de perguntas iniciais funda a filosofia, mas funda também a própria questão filosófica da linguagem. Ou seja, se o filosofar é uma experiência de interpretação do mundo, é também uma experiência de apresentação do mesmo, logo, de ordenação da mesma instância (SALDANHA, 2014). Essa é, por exemplo, a abordagem wittgensteiniana, uma das formas centrais para pensarmos uma possível “teoria do espelho” para a epistemologia da OC. (WITTGENSTEIN, 2005)

Para Wittgenstein (2005), um conjunto de regras serão definidas para a constituição do próprio processo de compreensão. Essas regras são produzidas na e para a linguagem (e não fora dela). Estabelece-se, pois, nesse sentido, uma forma de gramaticalizar o real, esse que pode ser concebido como parte da gramática (também ele, o real, não está fora da gramática). É ali que se funda a liberdade de criar - “A gramática proporciona à linguagem os

graus necessários de liberdade” (WITTGENSTEIN, 2005, p. 57). A linguagem, nessa argumentação, só pode, no fundo, referir-se a si própria.

Em uma trilha já apontada por Gabriel Peignot (1802) e seus sistemas bibliográficos, a Ciência da Informação bem como a OC são “filhas filosóficas” de uma longa trajetória de constituição da reflexão sobre a linguagem. Sua epistemologia, pois, só pode se dar “dentro”, e nunca fora da linguagem. O argumento se encontra também nas teses filosóficas sobre a fundamentação do campo informacional em Capurro (1992), estabelecendo o nosso vasto escopo epistemológico como um sub-ramo da Retórica (centralmente na Retórica de Aristóteles). Mais uma vez encontramos a própria estrutura do pensamento reflexivo em OC, ou seja, o jogo entre as abordagens analíticas e discursivas oriundas da tradição aristotélica é demarcado no clássico pensamento de Emanuele Tesouro (1670), em seu *Il Cannocchiale Aristotelico*, procurando uma forma de pensar os modos de exploração amplos da linguagem.

A espelhar da OC, desde então (e chegando aos estudos atuais), coloca em cena a pergunta do classificar sempre como uma autocondição: o que em mim eu classifico quando classifico? Nesse viés encontramos as três categorias discursivas aqui eleitas para compreender o desenvolvimento teórico da OC, a saber, epistemológico, metodológico e social. Como em um ciclo hipotético, as práticas científicas respondem por um espaço-tempo que as condicionam a pensar a si próprias, dependendo, logo, de uma classificação para se “colocarem” enquanto tais (ciências).

É no tempo histórico do avançar das classificações “científicas” ou classificações das especializações resultantes do século XVIII que se fundam as correlações paralelas da busca por uma classificação capaz de “espelhar” a existência de tais científicidades (e da própria científicidade da OC, na corrida oitocentista pela afirmação da Biblioteconomia, da Bibliografia e, posteriormente, da Documentação, como noções epistemológicas). Os processos históricos que condicionam a criação da Classificação Decimal de Dewey (CDD) 1876 e da Classificação Decimal Universal (CDU) de Paul Otlet (1934) na virada do Oitocentos para o Novecentos são, no fundo, como

comprova o trabalho de compilação de Peignot (1802), resultado de um processo histórico de argumentação na tentativa de afirmações epistêmicas.

Por sua vez, no ciclo se estabelecem métodos para a própria demarcação da cientificidade pretensa da OC, ou seja, via o lema positivista, a tentativa racionalista de fundamentar, através de alguma linhagem metodológica (uma reflexão sobre o como conhecemos de maneira empírica, porém recursiva). A reflexão que vai de uma tentativa de tradução para uma procura pela “reconstrução” da CDD por Otlet e seus colaboradores, chegando até uma outra abordagem teórico-(meta)metodológica na CDU, representa um dos inúmeros movimentos da OC, no espelho turvo da cientificidade, compreender-se enquanto parte da própria epistemologia em seu plano geral – e, nesse ínterim, “fazer-se” também ciência.

E, na outra estação do ciclo, por sua vez, encontramos condição histórica que coloca toda e qualquer fundamentação classificatória dentro da linguagem de seu mundo social, por isso as “razões” para uma epistemologia e para uma (meta)metodologia da OC nesse ou naquele contexto. No entanto, o espelho do social, *turbidus* em sua constante de luta, para além do paralelismo dos contextos, nos coloca diante de outro questionamento do reflexo nebuloso: o reconhecimento de toda a arbitrariedade e de toda a limitação de um sistema local ou pretensamente global de mapeamento dos saberes demonstra os riscos e as limitações profundas de uma epistemologia da OC.

O plano social, ou a compreensão das condicionantes históricas e sociopolíticas da OC, posiciona e ilumina a turva e parcial espelhoria das classificações: falsa linha de fuga que sempre se estabelece dentro da linguagem (aqui, entretanto, não estamos tratando da categoria filosófica da linguagem, mas da linguagem local, aquela falada pelo classificacionista ou pelo classificador). Nessa margem, olhar o espelho é perceber a mais vasta “imperfeição” dos regimes simbólicos que “representariam” o real. Tal “imperfeição” nada mais é do que a condição da própria decadência da unidade unívoca da discursividade, da certeza de, no plano social, vigorar uma única, pura e inesgotável representação do real.

É por essa razão, pela “origem” barroca da representação das palavras, dos processos e das coisas, que uma teoria da OC pode ser criticada por não conseguir, ela própria, se organizar; não atingir, ela própria, uma classificação coerente de si; não estabelecer, ela própria, um vocabulário controlado mínimo e estrutural sobre seu léxico teórico e metodológico; não construir, enfim, um tesouro capaz de representar todas as combinações possíveis de seus construtos conceituais.

Antes, pois, de uma “imperfeição”, uma abordagem do espelho turvo comprova a condicionante fundadora do pensamento em OC: a centralidade da tensão entre epistemologia, (meta)metodologia e sociedade, dada sob um jogo de forças que possui a linguagem como ferramenta de defesa e de combate. Essa tensão atinge, por sua vez, as dinâmicas de produção de sentido de cada comunidade de construção e uso de linguagens e artefatos, levando-nos ao plano simbólico da OC, ou aos pressupostos epistemológico-simbólicos do nosso fazer (SALDANHA, 2013).

O modo mais comum de reconhecimento do simbólico no contexto das classificações se dá, direta ou indiretamente, quando chegamos ao limite da noção de contexto, debatida por Souza (2007). Se num primeiro momento claramente os sistemas e os métodos de classificação bibliográfica avançaram para a recuperação através do assunto, constituindo linguagens de indexação interessadas em representar o conteúdo intelectual de documentos, posteriormente um dilema se apresentou: a descontextualização. Quando posicionamos os modelos epistemológicos e as inovações técnicas diante do contexto sociopolítico de vivência dos atos classificatórios, reconhecemos uma instabilidade constante do sentido, posicionamo-nos diante do espelho turvo. Ele, pois, não é “o” problema. O caos não está na nebulosidade. A entropia não é o trauma. A condição problemática do espelho turvo aqui está, justamente, em negar a existência do conflito sociopolítico que se trava a cada ato classificatório. E uma teoria barroca nos faz lembra-lo, nos joga contra aquilo que é, de fato, anômalo, irregular, fora do comum, ou seja, nos mostra como se constitui o mundo a partir de uma construção social do real.

Segundo Souza (2007), para o desafio da descontextualização, mecanismos foram criados com vistas à flexibilidade (no Barroco, diríamos, à abertura ao mundo), intencionando reagrupar de modo distinto, não hierárquico, os termos, bem como elaborando sistemas relacionais. Os potenciais que provêm das forças combinatórias da linguagem geram, por exemplo, os tesouros facetados. A solução, porém, ainda depende e sofre com a dinâmica de recontextualizações que o plano sociopolítico estabelece. Chegamos, no sentido aplicado com repercussões epistemológicas, aos instrumentos folksonômicos, que procuram adentrar de maneira ainda mais direta na dança das intersubjetividades de cada plano classificatório, de cada comunidade de produção de sentidos. Esse marco pode ser classificado como o bojo do simbólico, esfera de atuação teórica e aplicada de uma teoria barroca em Emanuele Tesouro.

Nesse terreno do simbólico, segundo Eco (1984), encontramos em Tesouro um precursor, seja no plano da organização da linguagem, seja no diálogo com os problemas da discursividade. Trata-se da procura, ainda no Seiscentos, pela constituição de um modelo de universo semântico organizado, partindo das categorias aristotélicas e suas ações, mas também a fundamentação discursiva (retórica) do real, constituindo um “índice categórico”, preocupado com as relações entre os termos e as coisas que os mesmos designavam.

Seguindo um modelo de organização enciclopédica, Tesouro estabelece para Eco (1984) uma estrutura fundamental para a futura semiótica, ou seja, tentando compreender os tropos e os signos, o teórico neobarroco Emanuele concebe um experimento que coloca em jogo a conceitualidade e a discursividade. Trata-se, pois, de um diálogo direto entre “um” Aristóteles do *Organon* e “um” Aristóteles da Retórica, provavelmente um dos maiores dilemas atuais na construção de uma *web* pragmática, pautada nas associações contextuais do ponto de vista da ação da alteridade em seu lugar-mundo em rede.

No plano puramente retórico, Tesouro (1670) conceberá o que Proctor (1973) chama de abordagem figurativa, ou uma estrutura que aborda a relação

entre sentido, emoção e inteligência. Seus experimentos procuram não apenas, nesse aspecto, isolar e relacionar termos para identificar seus efeitos sígnicos e simbólicos. A atividade teórica tesauriana também permite, na sua técnica combinatória, identificar outros significados a partir da relação entre as ideias.

Para além de Tesouro, ou seja, para além de uma abordagem epistemológico-histórica, podemos, do ponto de vista dos regimes, das políticas e da economia política da organização do conhecimento, como já nos apontaram González de Gómez (1996), Rosali Souza (1996), Bernd Frohmann (2011), Birger Hjørland (2002) e Antonio García Gutiérrez (2011), perceber que o simbólico se aplicaria tanto à compreensão do discurso central vislumbrado pela organização do conhecimento, a saber, o discurso científico, como às demais formações discursivas, de fundo crítico-histórico. Uma categoria comum em autores resolveria a questão: contexto, categoria essa igualmente central para Jacob & Albrechtsen (1999) em sua compreensão dos desafios dos sistemas de informação a partir da pragmática.

Partindo de uma visão de Capurro (1992) de fundamentação da Ciência da Informação como uma “subdisciplina da Retórica”, orientada que está, estruturalmente, em razão da organização do conhecimento, para um modo específico de hermenêutica, chegamos a um olhar sobre as revisões do pensamento de Aristóteles, reunindo Tópicos, Retórica e Poética. Aqui antevemos elementos de uma teoria barroca em distintos teóricos da organização do conhecimento, “antigos”, como Tesouro (1670), e “novecentistas”, como Ranganathan (1967), bem como “contemporâneos”, como Paling (2004), recorrem à Aristóteles, para, a partir das categorias (Tópicos), tecer o esclarecimento de enunciados e sua multiplicidade, ou seja, cada asserção, desde o Estagirita, é compreendida como uma implicação de várias consequências. Com o Aristóteles da Retórica e da Poética, esta dimensão se torna ainda mais flagrante: a linguagem é variável, é turva, assim como as palavras, as coisas, os processos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: TESAURO E A TEORIA BARROCA DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A trajetória da OC representa um complexo híbrido de tentativas (utópicas) de encerrar todos os saberes dentro de um só sistema de representações verbais e notacionais. Na medida em que a teorização sobre o cenário das classificações avança, encontramos a preocupação cada vez mais urgente com as relações de hierarquia e de verossimilhança entre os conteúdos. Esse contato nos leva, sempre, ao reencontro com o discurso barroco, ou seja, aos limites da precisão e à capacidade aberta das analogias, diante dos fenômenos intersubjetivos inerentes ao ato de classificar.

Uma teoria barroca da OC estabelece, pois, o reconhecimento das mais diferentes configurações potenciais de uma prática classificatória e postula o desafio de enfrentá-las. O limite de sua abertura, porém, não é nem o pessimismo sumário que, de forma atávica, nos convida ao ato de não classificar, dada a imperfeição ou o fundamento anômalo do fenômeno, nem é a certeza da absoluta impossibilidade epistemológica (afirmação da cientificidade) ou aplicada (operacionalização do uso) das classificações. Quando estamos diante das classificações científicas propriamente ditas, como demonstraram os estudos de Souza (2006, 2007), encontramos o dilema do espelho turvo, perturbador. A teoria barroca comprova, tão somente, de um lado, a parcialidade e a “imperfeição” de qualquer sistema, e, de outro lado a “maravilha” e a multiplicidade de sistemas a conhecer e representar. Antes, pois, do nihilismo classificatório, trata-se, ao contrário, de assertiva de sua condição para um fundamento não apenas da OC, mas para o próprio homem.

É, pois, através de Emanuele Tesouro, via a influência aristotélica, que essa teoria pode ser, em uma de suas possíveis margens, fundamentada. A OC encontra ali, no século XVII, uma base sólida, no plano teórico e no plano aplicado (vide a proposta do Índice Categórico de Tesouro), de sua proposição. Sempre que, de fato, em uma “atitude barroca”, nos propomos reconhecer o simbólico que antecede o jogo das estruturas epistemológicas,

(meta)metodológicas e sociopolíticas da OC, estamos reencontrando o pensamento tesauriano.

Emanuele Tesouro e seu Índice Categórico são, pois, parte central, em um plano epistemológico-histórico, de invenção da luta pela cientificidade das práticas de organização e representação do conhecimento através de duas dimensões diacrônicas em sua condicionante sincrônica no Seiscentos: primeiramente, no plano da projeção direta para as fontes históricas, o teórico barroco visita na Antiguidade aquelas que serão fontes fundamentais para o futuros avanços, nos séculos seguintes, da mesma guerra epistemológica da OC (como exemplo, temos o uso intensivo das noções aristotélicas para a representação do mundo); em segundo lugar, na projeção direta das repercussões de suas principais questões, a abordagem barroca nos permite conceber uma racionalidade que questiona o real como força natural e cristalizadora; trata-se de um enfoque que abre a percepção do mundo como simbólico, como potência do imaginário intersubjetivo da linguagem e, logo, como constituinte das singularidades, das diversidades, das pretensas anomalias (que nada mais são do que a própria dinâmica cultural da experiência do nosso lugar-mundo).

Em outros termos, contra uma linha histórica unilateral de positividade da verdade na representação do mundo, Tesouro demonstra a dialética que sustenta uma teoria fundamental da organização do conhecimento, o jogo entre as hierarquizações e suas problemáticas simbólicas. A exploração (descontínua) de uma teoria barroca expõe, pois, aquilo que a invenção de uma positividade do *Novo Organon* esconde, ou seja, a diferença, a sombra, o *locus* nebuloso onde se elaboram e onde se multiplicam as causas e as consequências de um ato classificatório, interligando, assim, as dimensões críticas da epistemologia, da (meta)metodologia e da sociopolítica que fundam a Organização do Conhecimento.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa foi desenvolvida sob o fomento do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

REFERÊNCIAS

CAPURRO, R. What is Information Science for? a philosophical reflection In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.). **Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives**. In: INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20TH ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES, UNIVERSITY OF TAMPERE, FINLAND.1991. *Proceedings...* London, Los Angeles: TaylorGraham,1992. p. 82-96.

CARPEAUX, Otto M. Teatro e estado do barroco. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 7-36, sep.\dec. 1990.

DAHLBERG, I. Knowledge Organization: a new Science? **Knowl. Org.** 33, n.1, 2006 p. 11-19.

ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.

FROHMANN, Bernd. Rules of indexing: a critique of mentalism in information retrieval theory, **Journal of Documentation**, Vol. 46 Iss 2 pp. 81 – 101, 1990.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Desclassification in Knowledge Organization: a post-epistemological essay. **Transinformação**, Campinas, v.23, n.1, p. 5-14, 2011.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Da organização dos saberes às políticas de informação. **Informare – Cad. Prog. Pós-grad. Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 58-66, 1996.

HJORLAND, B. Domain anlysis in information science: eleven approaches traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, Londres, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002b.

HJORLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 6, p. 400-425, jul. 1995.

HJORLAND, B. Library and Information Science: practice, theory and philosophical basis. **Information Processing and Management**, v. 36, p. 501-531, 2000.

HJØRLAND, B. What is Knowledge Organization (KO)? **Knowl. Org.** 35, n. 2/n.3, 2008 pp. 86-101.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

OTLET, Paul. **Traité de documentation**: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934.

PEIGNOT, G. **Dictionnaire raisonné de bibliologie**, tomo I. Paris: Chez Villier, 1802a.

PROCTOR, Robert E. A theory of the conceit?. **MLN**, v. 88, n. 1, p. 68-94, jan. 1973.

RANGANATHAN, Shyiali R. **As Cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RANGANATHAN, Shyiali. R. **Prolegomena to Library Classification**. 3d ed. New York: Asia Publishing House, 1967.

SALDANHA, Gustavo S. SILVEIRA, N. C. Own name in Knowledge Organization Epistemology: a philosophical-theoretical debate. **Knowledge Organization**, v. 43, p. 265-278, 2016.

SALDANHA, Gustavo S. Vastu-tantra: sobre a pragmática transcendental em Ranganathan. In: Elaine Rosangela de Oliveira Lucas; Elisa Cristina Delfini Corrêa; Gisela Eggert-Steindel. (Org.). **As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia: reflexões e desafios**. São Paulo: FEBAB, 2016. p. 47-56.

SALDANHA, Gustavo S. The Philosophy of Language and Knowledge Organization in the 1930's: Pragmatics of Wittgenstein and Ranganathan. **Knowledge Organization**, v. 41, p. 296, 2014.

SALDANHA, Gustavo S. O documento e a 'via simbólica': sob a tensão da 'neodocumentação'. **Informação Arquivística**, v. 2, p. 65-88, 2013.

SALDANHA, Gustavo S. Transgramáticas: filosofia da Ciência da Informação, linguagem e realidade simbólica. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 6, p. 01-30, 2013.

SALDANHA, Gustavo S. SILVA, L. K. R. Os sistemas bibliográficos em Gabriel Peignot: uma metabibliografia científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, p. 96-119, 2017.

SOUZA, Rosali Fernandez de. Universo de Ciência e Tecnologia: organização e representação em classificações do conhecimento. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, vol. 5 n. 1, 2012. Disponível em: <[http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article /view/65/125](http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/65/125)>. Acesso em: 30 mar. 2016.

SOUZA, Rosali Fernandez de. Organização do conhecimento. In.: TOUTAIN, Lídia M. B. B. (org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 103-124.

SOUZA, Rosali Fernandez de. Organização e representação de áreas do conhecimento em ciência e tecnologia: princípios de agregação em grandes áreas segundo diferentes contextos de produção e uso de informação. **Encontros Bibli (UFSC)**, v. espec, n.núm.esp., p. 1-15, 2006.

TESAURO, E. **Il Cannocchiale Aristotelico**. Berlin: Verlag Gehlen; Zürich: Bad Homburg, 1670.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

WITTGENSTEIN, L. **O Livro azul**. Lisboa: Ed.70, 1992a.

WITTGENSTEIN, L. **O Livro castanho**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992b.

WITTGENSTEIN, L. **Observações filosóficas**. São Paulo: Loyola, 2005.

Title

Knowledge organization baroque theory: Emanuele Tesouro and the cloudy mirror of tensions between epistemology, methodology and society

Abstract

Introduction: The purpose of the study is to discuss the epistemological-historical assumptions of Organization of Knowledge, understood here as a collective of intersubjective actions dedicated to the representation and appropriation of knowledge in the plane of language, based on the thought of Emanuele Tesouro's work. The work horizon is the identification of elements on discussion the dimensions and tensions between epistemology, methodology and society, based on a baroque theory of knowledge organization and representation. **Objectives:** The main objective is to present a theoretical discussion on the understanding of the boundaries towards the intend relations among the epistemological, applied and sociopolitical dynamics that run into the theorization of Emanuele Tesouro stated in century XVII. **Methodology:**

The theoretical reflection is based on an epistemological-historical study to recognize, discuss and relate the ideas presented in Emanuele Tesauo's theorizing in the seventeenth century as a contemporary challenges of Knowledge Organization.

Results: The Baroque approach of Tesauo, demarcated in its space-time, and interpreted under the contemporary dilemmas of Knowledge Organization, demonstrates its actuality for the reflection on regimes, policies and political economy of the practices of knowledge representation. The pragmatic and semiotic opening of Tesauo' thinking is therefore a central theoretical tool for contemporary discussions in the epistemology of Knowledge Organization, especially in the social and cultural spheres. **Conclusions:** The study demonstrates that Emanuele Tesauo ideas of Aristotelian influence, have a solid basis, in the theoretical plane and in the applied plane, of constructing an argumentation about the symbolic for the Knowledge Organization.

Keywords: Emanuele Tesauo. Knowledge Organization Epistemology. Baroque Theory. Historical epistemology. Language philosophy.

Título

Teoría barroca de la organización del conocimiento: Emanuele Tesauo y el espejo turbio de las tensiones entre epistemología, metodología y sociedade

Resumen

Introducción: La propuesta del estudio es discutir los presupuestos epistemológicos e históricos de la Organización del Conocimiento, comprendida aquí como un colectivo de acciones intersubjetivas dedicadas a la representación y la apropiación de saberes en el plano del lenguaje, a partir del pensamiento y de la obra de Emanuele Tesauo. El horizonte del trabajo es la identificación de elementos que ponen en discusión las dimensiones y tensiones entre epistemología, metodología y sociedad, a partir de una teoría barroca de la organización y representación de los saberes. **Objetivos:** El objetivo general está en un plano teórico dirigido a la comprensión de las fronteras que pretenden las relaciones entre las dinámicas epistemológicas, aplicadas y sociopolíticas, que reencuentra la teorización de Emanuele Tesauo tejida en el siglo XVII. **Metodología:** Se trata de una reflexión teórica, basada en un estudio epistemológico-histórico, que busca reconocer, discutir y relacionar las ideas presentes en la teorización de Emanuele Tesauo en el siglo XVII con los desafíos contemporáneos de la Organización del Conocimiento. **Resultados:** El enfoque barroca de Tesauo, demarcado en su espacio-tiempo, e interpretado bajo los dilemas contemporáneos de la Organización del Conocimiento, demuestra su actualidad para la reflexión sobre los regímenes, las políticas y la economía política de las prácticas de representación del conocimiento. La apertura pragmática y semiótica del pensamiento de Tesauo se presenta, pues, como herramienta teórica central para las discusiones contemporáneas en la epistemología de la Organización del Conocimiento, principalmente en los planos social y cultural. **Conclusiones:** El estudio demuestra, a partir de Emanuele Tesauo, bajo la influencia aristotélica, una base sólida, en el plano teórico y en el plano aplicado, de construcción de una argumentación sobre lo simbólico para la Organización del Conocimiento.

Gustavo Silva Saldanha, Rosali Fernandez de Souza
Teoria barroca da organização do conhecimento: Emanuele tesouro e o espelho turvo
das tensões entre epistemologia, metodologia e sociedade

Palabras clave: Emanuele Tesouro. Epistemología de la Organización del Conocimiento. Teoría Barroca. Epistemología histórica. Filosofía del lenguaje.

Recebido: 10.03.2017

Aceito: 25.08.2017